



Discurso proferido no simpósio internacional »Novos Mundos - Neue Welten. Portugal e a Época dos Descobrimentos« no Deutsches Historisches Museum, em Berlim, 23 a 25 de Novembro de 2006.

Todos os discursos estão publicados em alemão no catálogo da exposição com um resumo em língua portuguesa.

O Triunfo do experimentalismo na missão do Japão: Alessandro Valignano (1539 – 1606) e a organização da embaixada japonesa à Europa em 1582

Pedro Lage Reis Correia

Centro de História de Além – Mar

Universidade Nova de Lisboa

1. Introdução: Valignano e a necessidade de um novo modelo informativo

A apresentação deste estudo sobre a embaixada japonesa à Europa em 1582, insere-se na evocação dos 400 anos da morte de Alessandro Valignano (m. Macau, 1606), uma das personalidades mais relevantes na História do Padroado Português do Oriente e considerado por muitos estudiosos como a figura mais importante na evangelização quinhentista da Ásia Oriental, após São Francisco Xavier.

Valignano nasceu em Chieti no ano de 1539. Em 1557 é Doutor em Leis pela Universidade de Pádua e, em 1566, ingressa na Companhia de Jesus, continuando os estudos em Roma.

No ano de 1573 parte para Goa com o cargo de Visitador das Índias Orientais, com plenos poderes sobre todas as missões do Cabo da Boa Esperança até à China e Japão. Todavia, a partir de 1597, Valignano fica exclusivamente dedicado à supervisão das missões jesuítas no Japão e China.

A relação de Valignano com o arquipélago nipónico foi particularmente intensa. Efectivamente, esteve por três vezes no Japão. Primeiro entre os anos de 1579 e 1582, uma segunda vez de 1590 a 1592 e, finalmente, de 1598 a 1603. Para o presente estudo interessa apenas o primeiro período.

Após ter sido nomeado Visitador, Valignano chega a Goa no ano de 1574, permanecendo na Índia até 1577. Depois de curtas estadias em Malaca (1577) e Macau (1578), o Visitador da Companhia de Jesus entra finalmente no Japão em 1579.

É nesta primeira estadia que Valignano vai contactar com o estado da Cristandade japonesa. Em verdade, não se pode afirmar que Valignano, antes de entrar no arquipélago nipónico, desconhecesse por completo a situação do Cristianismo no Japão, visto que recebia periodicamente relatórios e cartas. O que o Visitador jesuíta vai observar, aquando da primeira visita ao Japão, é a diferença existente entre a realidade encontrada e os relatórios enviados pelos missionários.

Este choque com o estado da missão no Japão, particularmente na ilha de Kyūshū, irá levar o Visitador jesuíta a reformular o modo de informar da Companhia de Jesus.

Valignano considerava-se iludido pelas cartas que lera primeiro na Europa e depois na Índia e em Macau. Através destas cartas ficara com a ideia de que a Igreja estava a crescer no Japão e que só faltava um clero japonês e um bispo, enquanto que a situação real que constata é muito diferente. Assim, entre 1579 e 1582, Valignano irá fazer uma verdadeira refundação da missão no Japão.

No caso particular deste estudo, interessa perceber que estes anos no Japão vão levar Valignano a criar novas regras para a produção de informação, em especial no que concerne às cartas anuais que são enviadas para a Europa. Segundo Valignano, estas devem sempre ser escritas a partir dos relatos dos missionários que estavam a evangelizar em cada área, sendo depois compostas pelo Superior ou Visitador. Isto significa que a informação e a transmissão de conhecimento deviam ter por base uma profunda experiência da realidade relatada.

Mas no contexto da resolução deste problema de comunicação interna, Valignano vai ponderar também o modo como a Companhia vai comunicar com o exterior, ou seja, com os cristãos japoneses, mas também a forma como a Companhia de Jesus deve

comunicar esta mesma realidade japonesa aos centros de poder na Europa: i.e. a Coroa filipina e a Santa Sé.

Neste sentido, a embaixada japonesa à Europa insere-se inteiramente na forma como o Visitador jesuíta quer reorganizar o modo de informar da Companhia de Jesus.

2. A preparação da embaixada com os *daimyō* de Kyūshū

Em primeiro lugar, a causa para o envio desta embaixada, é a apresentação de obediência de senhores japoneses cristãos à Santa Sé. Em 1581, três senhores (*daimyō*) cristãos da ilha de Kyūshū, com a colaboração de Valignano, decidem enviar uma embaixada de dois elementos à Europa.

O *daimyō* de Bungo, Ōtomo Sorin (1530-1587) envia o seu sobrinho Mânciao Ito. Arima Harunobu (?-1612), senhor de Arima, e o seu tio Ōmura Sumitada (1532-1587), senhor de Ōmura, decidem enviar Miguel Chijiwa, primo de Arima e sobrinho de Ōmura. Julião Nakaura e Martinho Hara,¹ dois fidalgos da casa de Ōmura, acompanham os dois enviados.

Esta embaixada japonesa sai do Japão em 1582, após passar por Espanha, chega a Roma em 1585. No ano de 1587 entram na Índia e, finalmente, em 1590 regressam ao Japão na companhia do Visitador Alessandro Valignano.

3. A comunicação com os japoneses

3.1. Primeira fase: a aproximação aos japoneses

Todavia, uma causa mais profunda parece estar na origem do envio desta embaixada, relacionada com a necessidade de reformular o modo de comunicar da Companhia de Jesus. Valignano vai pensar esta embaixada como forma de resolver aquilo que considerava serem sérios problemas de transmissão de informação e de comunicação, não só com a Europa, mas também com os japoneses cristãos.

Neste sentido, a embaixada pode ser interpretada como uma solução de Valignano para a incapacidade dos jesuítas ministrarem determinado tipo de informação aos japoneses cristãos.

Valignano, na sua estratégia missionária, defendia que a actividade evangelizadora devia integrar elementos sócio – culturais do próprio espaço onde o missionário estava inserido. No caso do Japão, o Visitador jesuíta afirmava que a missionação devia ser caracterizada por uma atitude de tolerância para com a cultura nipónica. Assim, o Visitador jesuíta escreve »que por muito contrários que sejam os costumes, cerimónias e sentidos dos japoneses, em relação aos da Europa, não se deve dizer mal deles, nem mostrar estranhá-los.«²

Esta atitude de respeito para com a cultura japonesa, devia ser especialmente mantida no seminário de Arima, fundado por Valignano em 1580. Valignano afirma que os padres, em relação aos seminaristas japoneses, não os devem »querer levar pelos modos de proceder da Europa. E para isso ajudará, sobre todas as coisas, mostrar-lhes que sentem bem o Japão e os seus costumes, porque com isto se alegram eles muito, e com o contrário se revoltam.«³

3.2. Segunda fase: interiorização da superioridade da Europa

No entanto, ao mesmo tempo que Valignano pugnava por esta atitude de tolerância, defendia que os alunos japoneses deviam ser orientados para uma aceitação das virtudes do Cristianismo e para um repúdio das falsidades da religião japonesa: »escolhendo algumas obras em prosa e em verso de santos e autores cristãos (...) e compondo outras de novo, a propósito do Japão em que também se reprovem os seus vícios e falsas seitas (...).«⁴

O Visitador jesuíta pensava que, para uma integração dos futuros clérigos japoneses numa cultura cristã, era necessário que os alunos do seminário aceitassem uma superioridade da civilização cristã europeia sobre a civilização japonesa. Assim, Valignano, em 1583, escreve que os alunos do seminário »não terão, nem poderão ter outros livros senão os que lhes dermos, para no futuro serem uniformes no governo do povo e não introduzam simonias nos sacramentos e outros abusos e superstições, como é próprio costume dos bonzos japoneses.«⁵

3.2.1. Reforçar a autoridade dos jesuítas

Esta interiorização da superioridade europeia era fundamental, não só para que os alunos do seminário se distanciassem da cultura japonesa, mas sobretudo para reforçar a autoridade dos jesuítas junto dos alunos japoneses do seminário.

Como afirma Duarte de Sande, um dos jesuítas próximos de Valignano, era crucial que os alunos japoneses percebessem »qual a causa porque os mesmos religiosos, enfrentando perigos gravíssimos, percorrem tantas terras, atravessam tantos mares, anunciando com empenho e entusiasmo a variadas gentes e povos o nome de Cristo (...).«⁶

4. A embaixada como solução para o paradoxo de Valignano

Valignano encontra-se, assim, perante uma contradição na sua estratégia missionária. Na construção de uma igreja nativa, era fundamental integrar os alunos japoneses numa lógica cristã ocidental. No entanto, este objectivo era dificultado pelo facto do Visitador ordenar que, na educação dos japoneses, não existisse uma atitude de arrogância em relação à cultura nipónica.

Por outro lado, não era credível qualquer conhecimento transmitido pelos jesuítas sobre a Europa, pelo facto de ser comunicado pelos próprios jesuítas europeus. Afinal, os alunos japoneses, enquanto receptores de informação, absorviam um conceito de Europa meramente especulativo e abstracto, no qual o processo de experiência como formador do conhecimento estava completamente ausente.

A embaixada japonesa vai ser a solução encontrada por Valignano para resolver este paradoxo.

O Visitador jesuíta vai organizar esta missão diplomática em função da sua própria concepção do que é a transmissão de conhecimento. Para Valignano, a evocação da experiência e do conhecimento empírico de um determinado espaço, são fundamentais para a credibilização da informação transmitida. Quer a nível interno, na comunicação entre os jesuítas, quer a nível externo, na transmissão de informação aos japoneses e à Europa.

É esta conceptualização que Valignano vai aplicar à embaixada japonesa. Aliás, pode-se afirmar que, com esta missão diplomática, o Visitador jesuíta aperfeiçoa ao máximo a experiência como processo de conhecimento.

Neste sentido, é possível compreender melhor a escolha dos embaixadores enviados para a Europa. Para além de serem parentes de senhores cristãos, a sua importância advém, igualmente, de serem alunos dos jesuítas. Estes quatro enviados japoneses, Mâncio, Miguel, Martinho e Julião eram alunos do seminário de Arima, composto por alunos pertencentes à nobreza.⁷

Pelo modo como a embaixada é organizada, o conhecimento transmitido deixa de ser subjectivo (porque já não é transmitido pelos jesuítas) e passa a ser objectivo, porque é experimentado directamente pelos próprios alunos do seminário.

O Padre Luís Fróis, companheiro de Valignano no Japão, afirma que é fundamental estes jovens japoneses serem enviados à Europa para que »como testemunhas de vista, as pudessem referir por extenso aos seus naturais, o que lhes seria mais aceite e indubitável, que recitado pelos mesmos padres da Europa, que são parte na mesma matéria.«⁸

O próprio Valignano é muito claro nos seus objectivos quando escreve que »entendendo eu que pela grande opinião que têm das suas coisas, não têm tanto conceito das nossas, nem crêem tão facilmente no que os padres dizem das grandezas dos Príncipes eclesiásticos e seculares da Europa, pareceu-me coisa acertada e muito conveniente, ir alguns principais cavaleiros japoneses a ver as coisas da Europa, para que regressando à sua terra, pudessem dizer o que com os seus próprios olhos viram e pudessem dar certíssimo testemunho, e viessem a entender que a mais nobre e douta parte do mundo tem esta Santa Fé.«⁹

5. Os embaixadores japoneses e a experiência de Europa condicionada por Valignano

Resolvido o problema do emissor de informação, Valignano vai preparar o tipo de conhecimento que deve ser absorvido pelos embaixadores japoneses.

Consequentemente, envia o Padre Diogo de Mesquita com os jovens embaixadores, com rígidas instruções sobre o tipo de recepção que as cortes europeias devem fazer a esta missão diplomática.

Valignano também escreve ao Geral da Companhia de Jesus, com indicações pormenorizadas acerca do modo como a Santa Sé deve receber os embaixadores, de forma a que interiorizassem a superioridade da Europa: »procurei que não fossem

recebidos com público aparato, escrevendo aos padres de Portugal e da corte de Espanha que fizessem com que o Príncipe Cardeal e Sua Magestade, os tratassem de tal maneira, que não os fizessem cobrir, nem sentar diante de si, nem os recebessem com publico aparato, nem lhes dessem guarida, para que regressando eles, e falando do recebimento e honras que lhes foram feitas, se entendesse no Japão quão grandes eram os Reis e Senhores da Europa.«

E acrescenta mais: »e porque eu sabia que nas cortes de Roma e Espanha era costume receber os embaixadores com publico aparato, procurei que isto não se fizesse com eles, mas que fossem recebidos como pessoas particulares, para que também com isto entendessem a diferença que havia em receber embaixadores de Reis da Europa, como reis maiores, do que em receber os representantes daqueles que os enviavam do Japão.«¹⁰

Aliás, o modo como Valignano quer condicionar a recepção à embaixada japonesa na Europa, decorre também do conhecimento e da experiência que tinha da realidade japonesa: »porque Taycosama não trata aos outros Reis e os Senhores do Japão, com tanto respeito e aparato como fazem os nossos reis da Europa com os demais soberanos cristãos e seus embaixadores, também desejava que fossem tratados da parte de Sua Magestade e de Sua Santidade, da maneira que Taycosama costuma tratar os demais Reis e os Senhores do Japão.«¹¹

Igualmente, os embaixadores deveriam ser constantemente vigiados e permanecer sempre nas casas dos jesuítas. Valignano afirma que nunca se lhes deveria dar acolhimento »mas morassem sempre nas nossas casas, para impedir ocasiões de conversas escusadas, e de saber muitas coisas, que podiam causar pouca edificação quando fossem contadas no Japão.«¹²

6. O *De Missione Legatorum Iaponensium*

Mas nesta sua estratégia de reformular o modo de comunicar, Valignano ainda vai mais longe. Para que a informação transmitida pelos embaixadores fosse absorvida eficazmente pelos alunos do seminário, Valignano, depois do regresso da embaixada, compõe um relato da viagem dos embaixadores a partir dos diários que estes escreveram, sobre a forma de diálogo entre os protagonistas. O texto é traduzido para Latim pelo Padre Duarte de Sande, sob o título de *De Missione Legatorum Iaponensium* e impresso em 1590, para leitura dos alunos do seminário.

A este propósito, declara Valignano: »o fim para que se imprimiu, foi para que se publicasse, junto dos japoneses, e por ele estudassem os que estavam no seminário, e também os nossos irmãos japoneses, e com a lição que daí tirassem, viessem a beber como primeiro leite, as grandezas da Corte Romana, e dos Reis e Senhores Cristãos, e soubessem da grandeza e nobreza dos Senhores da Europa, dando-lhes a entender também a diferença e subordinação que tem a monarquia secular à eclesiástica (...).«¹³

7. O conhecimento do Japão por parte da Europa

Mas a forma como o Visitador pensa esta embaixada, vem resolver um outro problema de comunicação. Não apenas do Japão em relação à Europa, mas também da Europa em relação ao Japão.

Aplicando o seu conceito de experiência à organização desta embaixada, Valignano consegue que a Europa e o Japão tenham uma relação de conhecimento onde ambas as realidades funcionam simultâneamente como entidades cognoscentes e objectos de conhecimento.

Para Valignano, era de extrema importância transmitir à Europa uma determinada ideia de Cristandade japonesa. Na perspectiva do Visitador jesuíta, esta embaixada era também a solução para essa deficiência de conhecimento sobre o Japão.

Relativamente às cartas e relatórios que se enviam à Europa, Valignano afirma que »por muito que se escreva, não se pode bem dar a entender, e oferecem-se muitas dúvidas e réplicas, às quais não podem responder as cartas, e assim ficam suspeitas, duvidosas e mal percebidas muitas coisas.«¹⁴

Valignano esperava que esta embaixada tivesse um impacto eficaz junto da Santa Sé e da Coroa Filipina, de modo a resolver diversos problemas relacionados com a missão jesuíta no Japão.

Assim, esta embaixada devia funcionar como forma de garantir, por parte da Santa Sé, que a Companhia de Jesus teria o exclusivo da evangelização no Japão, impedindo a entrada de ordens mendicantes.

Por outro lado, a passagem da embaixada pela Europa podia contribuir para solucionar os problemas financeiros da missão. Valignano calculava que esta embaixada conduzisse a um aumento dos fundos da Santa Sé e da Coroa para a missão japonesa. Do mesmo modo, o Visitador jesuíta pensava que o impacto positivo causado pela

embaixada, podia levar a que diversas dioceses se envolvessem no apoio financeiro à missão.

Valignano demonstra claramente que, na sua concepção, este contacto europeu com a embaixada conduziria a uma clarificação de muitas situações: »sem dúvida que com estes rapazes, perceberão o que se deve fazer no Japão.«¹⁵

Consequentemente, é fácil deduzir que Valignano, assim como procurava que os embaixadores japoneses tivessem uma experiência de Europa condicionada, também procurasse que este contacto da Santa Sé e da Coroa com a embaixada fosse determinada *a priori*.

Nas instruções transmitidas, Valignano afirmava que, mais do que representantes da nobreza cristã do Japão, os jovens embaixadores deviam ser apresentados como alunos do seminário de Arima, com o respectivo hábito de seminaristas. Desta forma, Valignano esperava que a Santa Sé tivesse a experiência de uma Cristandade japonesa perfeitamente enquadrada na evangelização jesuíta.

Ainda que os *daimyō* tivessem enviado os embaixadores como seus representantes, Valignano afirma que estes deviam ser apresentados como alunos do seminário: »Quanto ao modo de enviar estes cavaleiros, esteve fora do pensamento dos Padres, dar-lhes título de Sereníssimos Príncipes, antes eu mesmo escrevi a Sua Magestade e a Sua Santidade, que ainda que fossem pessoas tão nobres e parentes dos ditos reis, eram enviados a premissas do seminário do Japão, onde foram criados, e nunca com nome de príncipes nem herdeiros de reis.« Por isso, deviam ser apresentados »em hábito de estudantes e somente com um pagem cada um.«¹⁶

Como escreve Valignano, esta embaixada deveria ter um impacto que permitisse condicionar a política da Coroa, mas sobretudo da Santa Sé, em relação ao Japão: »Isto só será possível se em Roma estiver viva e perpétua a informação das coisas desta Província e isto de tal modo que mesmo que sucedam outros gerais com outros assistentes, esta informação não se perca nem seja posta em causa.«¹⁷

A valorização da experiência torna-se para Valignano no meio mais eficaz de credibilizar a informação sobre a missão, dado que a apreensão de conhecimento é feita directamente pelas duas partes.

Assim, pode-se concluir que o modo como Valignano estruturou esta embaixada, foi fundamental para a aceitação, por parte do Papado, do direito de exclusividade da Companhia de Jesus na evangelização do Japão, e de manutenção da integridade do

Padroado Português, consagrado através do breve *Ex pastoralis officio* (1585) de Gregório XIII.

¹ Moran 1993, pp. 14 - 15

² »Por muy contrarias que sean las costumbres, ceremonias y sentidos de los japoses a las nuestras de Europa, no se diga mal de ellas ni muestren los nuestros extrañarlas (...).« Valignano 1583 [1954], p. 201.

³ »Es necesario tratarlos conforme a su condición ya su modo, no los queriendo llevar por las condiciones y modos de proceder de Europa (...). Y para eso ayudará sobre todas las cosas mostrarles que sienten bien de Japón y de sus costumbres (...) porque con esto se alegran todos mucho, y con lo contrario se amohinan.« Valignano 1583 [1954], pp. 207-208.

⁴ Os alunos do seminário deviam ser ensinados por »libros que traten de buena materia de la virtud y religión cristiana y de abominar los vicios, escogiendo algunas obras en prosa y en verso de santos y autores cristianos que traten de esto, y componiendo otros de nuevo, a propósito de Japón, en que también se reprueben sus vicios y falsas sectas (...).« Valignano 1583 [1954], p. 171.

⁵ »No tendrán ni podrán tener otros libros sino los que nosotros les daremos (...), para ser uniformes nel gobierno del pueblo y que no introduzen simonías en los sacramentos y otros abusos y supersticiones, como es propria costumbre de los bonzos (...).« Valignano 1583 [1954], pp. 178-179.

⁶ Sande 1590 [1997] p. 20. Gil 1994, pp. 411-439.

⁷ Moran 1993, pp. 12-13.

⁸ Fróis 1592 [1993], pp. 15-16.

⁹ »Entendiendo yo (...) por la grande openion, que tienen de sus cosas, no tienen tanto concepto de las nuestras ni creen tan facilmente lo que los Padres dicen de las grandezas de los Principes Ecclesiasticos, y Seglares de Europa (...) me pareció, que seria cosa acertada, y muy conviniente, yr algunos Cavalleros Principales Japoses a ver las cosas de Europa, para que bolviendo a su tierra pudiesen dizir lo que con sus propios oyos vieron (...) y pudiesen dar dellos a sus naturales certissimo testimonio, y viniessen de raiz a entender, que las mas noble parte del mundo, y la mas docta tenia esta Santa fee.« Valignano 1598, Capt. 5º, f. 22v. Igualmente numa carta escrita por Valignano ao Geral em 1583, o Visitador jesuíta afirma a importância que um contacto directo dos embaixadores com a realidade europeia terá para o progresso da Companhia de Jesus no Japão: »con ver ellos la gloria de nuestra Iglesia y del Summo Pontífice y de sus Cardenales, y las grandezas y riquezas de las ciudades y señores de Europa, los niños se edificarían mucho y darían mucho lustre y reputación a nuestras cosas tornando a Japón (...).« Carta de Alessandro Valignano ao Padre Geral Claudio Acquaviva, Cochim, 28 de Setembro de 1583, Wicki 1972, p. 833

¹⁰ »Toda via procuré, que no fuesen recibidos con publico aparato, escrivendo a los Padres de Portugal, y de la Corte de Espanha que hisiessen con el Principe Cadernal, y con S. Magestad, que los tratassen de tal manera, que ni los hisessen cobrir, ni assentar delante de si, ni los recibissen con publico aparato, ni les diessen casa (...) para que bolviendo ellos, y tratando del recibimiento, y honras, que les hisieron se entendiesse en Japon, quan grandes eran los Reyes, y Señores de Europa (...), y por que yo sabia que era costumbre de las Corte de Roma, y Espanha recibir los Embaxadores con publico aparato procuré que no se hisiessen con ellos, mas que fuesen recibidos como particulares personas; para que tambien con esto entendiesse la diferencia que havia en recibir Embaxadores de los Reyes de Europa, como de Reyes mayores, que los que embiavan a ellos.« Valignano 1598, Capt. 5º, ff. 23-23v.

¹¹ »Por que como Taycó Sama, y los mas Señores de la monarchia de Japon, no tratavan a los otros Reyes, y Señores de Japon, con tanto respecto, y aparato, como hazen los nuestros Reyes de Europa a los demas Christianos, y a sus Embaxadores (...) tambien deseava, que fuesen tratados de S. Magestad, e S. Santidad (...) de la manera, que Taycó Sama costumbra tratar los demas Reyes, y Señores de Japon« Valignano 1598, Capt. 5º, ff. 23-23v.

¹² »Mas moravan siempre en las nuestras para le quitar la ocazion de Conversaciones escuzadas, y de saber muchas cosas, que saberlas podia causar poca idificacion, contandolas despues en Japon.« Valignano 1598, Capt. 5º, ff. 23-23v.

¹³ »El fin para que se imprimió, fue para que se publicasse a los Japoses, y por el estudiassen los que estaban en el Siminario, y tambien nuestros hermanos Japoses, y con la licion del viniessen a beber como primera leche, las grandezas de la Corte Romana, y de los Reys, y Señores Christianos, y supiessen quanta es la grandeza, y nobleza de los Señores de Europa (...) dandoles tambien a entender la diferencia, y subordinacion que tienen la monarchia Seglar a la Ecclesiastica (...).« Valignano 1598, Capt. 5º, ff. 21-21v. Como refere Duarte de Sande: »(...) decidui o reverendo padre Alexandre Valignano, visitador de

toda esta região oriental, que tudo o que estes jovens adolescentes tinham escrito a correr, fosse muito em breve ordenado e redigido em língua latina, para que os japoneses, estudiosos de latim, pudessem manusear assiduamente o livro composto sobre a embaixada. Este livro, traduzido posteriormente para japonês, podia ser lido com interesse pelos que não sabiam latim, e os dois livros, quer o latino, quer o japonês, uma vez impressos, seriam como um perpétuo tesouro e um agradável prontuário de coisas tão necessárias e úteis.« Sande 1590 [1997], p. 21.

¹⁴ »Por mucho que se escriba no se puede bien dar a entender, y se ofrecen muchas dudas y réplicas a lo que se escribe, a los quales no pueden responder las cartas, y así quedan suspenças, dubdosas y mal percebidas muchas cosas.« Carta de Alessandro Valignano ao Padre Geral Claudio Acquaviva, Cochim, 28 de Setembro de 1583, Wicki 1972, p. 831.

¹⁵ »Senza dubbio con i fanciulli (...) si faranno capaci delle qualita e cose che si avrano da fare con il Giappone (...).« Carta de Valignano para o Geral, Macau, 17/12/1582 in Archivum Romanum Societatis Iesu, *Japonica - Sinica*, 9-I, f. 118v.

¹⁶ »Quanto al modo de embiar estos cavalleros, tan fuera estuvo de los Padres em darles titulos de Serenissimos Principes (...) que antes yo mismo escrevi a Su Magestad y a Su Santidad, que aun que eran personas tan nobles, y parientes tan cercanos de los dichos Reyes, era a las primissas de Siminario de Japon ado se criavan, y nunca les di nombres de Principes ni de herderos de los Reyes (...).« Desse modo, deviam ser apresentados »en habito del estudiantes con uno solo page cada uno (...).« Valignano 1598, Capt. 5º, f. 23.

¹⁷ »E questo non si puo fare se non con ordinarsi, e determinarsi le cose di tal modo in Roma che ne qui si possino mutare al volere de Superiori che si mutano, et in Roma resti viva e perpetua la informatione delle cose di questa Provincia di tal modo dichiarata che ancor che succeda altro Generale con altri assistenti non rimanga perduta ne dubiosa questa informatione.« Carta de Valignano para o Geral, Macau, 17/12/1582 in Archivum Romanum Societatis Iesu, *Japonica - Sinica*, 9-I, f. 119.

Bibliografia:

Fróis 1592 [1993]

Luís Fróis, *Tratado dos Embaixadores Japões*, (Rui Loureiro, ed.), Lisboa 1993

Gil 1994

Juan Gil, *Europa se presente a si mesma: el tratado De missione legatorum Iaponensium de Duarte de Sande*, em: *O Século Cristão do Japão. Actas do Colóquio Comemorativo dos 450 anos de amizade Portugal-Japão (1453-1993)*, Lisboa 1994

Moran 1993

J.F. Moran, *The Japanese and the Jesuits. Alessandro Valignano in sixteenth-century Japan*, Londres 1993

Sande 1590 [1997]

Duarte de Sande, S.J., *De Missione Legatorum Iaponensium. Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores japoneses à Curia Romana*, (Américo Costa Ramalho, trad.), Macau 1997

Valignano 1583 [1954]

Alessandro Valignano, *Sumario de las Cosas de Japon*, (José Luis Alvarez-Taladriz, ed.), Tokyo 1954

Valignano 1598

Alessandro Valignano, *Apologia en la qual se responde a diversas calumnias que se escribieron contra los Padres de la Compañia de Japon y de la China*, Biblioteca da Ajuda, Lisboa, codex 49-IV-58.

Wicki 1972

Joseph Wicki, *Documenta Indica*, XII (1580-1583), Roma 1972.